

## OBSCURANTISMOS

Poem

You did not think this was war  
for you couldn't see the blood, the wounded,  
but you saw those, the dead  
bending over the garbage bins  
high noon in the heart of the city  
pleaders in the trash of shopping malls  
the hungry, the dead tellers begging  
you saw them

War I say, war  
with no ammunition and gunfire  
generals,  
the grey suits and the white collars,  
new aged computers used as heavy guns.

George Douatzis' 'Fatherland of the Times', in *Austerity Measures, A Letter from Greece*,  
by A. E. Stallings and "Crisis--Greek Poets on the Crisis", edited by Dinos Siotis

## PREÂMBULO

Poderá parecer a alguns, se não mesmo à maioria, que falar de obscurantismos na época actual é ele mesmo um acto obscuro, quase anacrónico, já que a época em que vivemos parece, numa quase filiação positivista, ter todos os antídotos para todas as viroses obscurantistas.

Perfilhar esta visão é cometer um erro de palmatória (como esta expressão invoca desde logo tempos de obscurantismo não muito afastados) e, para quem milita numa ideia de liberdade e de pensamento crítico, cometer um erro fatal. Os obscurantismos, nas suas diversas modalidades e máscaras, continuam a renovar-se, a multiplicar-se e têm servido nos últimos tempos como alavancas e andaimes para algumas das eleições de figuras, figurantes e figurões políticos que são sinais bastante preocupantes dos tempos presentes e, por inerência, dos tempos futuros. **Aliás, pode mesmo dizer-se que a história de um pensamento livre e crítico foi uma constante luta corpo a corpo, ideia a ideia, acção a acção, com os pensamentos e os poderes obscurantistas**, quase sempre envoltos num cobertor espesso de ignorância e superstição, e que muito do poder revolucionário das ideias e do pensamento teve origem nessa luta.

Como este texto não pretende nem quer ser uma investigação histórica exaustiva, que seja permitido somente referenciar que desde o renascimento, passando pelo iluminismo, até à época actual grande parte da educação, da cultura, das filosofias políticas emancipadoras têm esgotado muitas das suas energias nesta batalha campal, e que essa luta tem sido o cenário de muitos dos progressos e dos retrocessos sociais e políticos a que vamos assistindo.

Antes de avançar para o diagnóstico das doenças obscurantistas, e algumas possíveis terapias, que podemos encontrar no mundo actual, há que referenciar o que neste texto se entende por obscurantismo, para ***que não caiamos num pântano de ideias.***

Primeiro, é evidente que há sempre uma obscuridade inerente ao pensamento e à acção humanos, decorrente da própria complexidade humana. Mas não é dessa dimensão obscura que vamos tratar, já que ela, justamente, serve de alimento a uma investigação crítica e criativa da realidade.

O que vamos designar por obscurantismo nada tem a ver com isso! **O obscurantismo que nos interessa é o que se pode definir como a atitude poderosa de restringir e manipular conhecimento, no sentido de criar uma elite, uma minoria, dominadora e uma maioria dominada**, submetida a uma camisa de forças de ignorância e superstições, sempre úteis ao rastilho do medo, como estratégia de submissão. Dito por outras palavras, **o obscurantismo, a elitização, a reserva e a limitação dos conhecimentos, é sempre um projecto totalitário de manipulação e domínio, ao qual se opõe uma visão democrática do conhecimento, enquanto universalização do mesmo e consequente libertação dessas algemas**. Nesse sentido, e sem qualquer sombra de dúvida, o obscurantismo é um processo de restrição e interdição, assente numa estratégia de manipulação e inferiorização, que legitimou e legitima muitas das organizações sociais hiper-hierarquizadas que sempre foram bastiões de um poder que teme, e mais raramente treme, a liberdade crítica que o acesso ao conhecimento gera, pondo ou podendo pôr em pé de igualdade os poderosos, aqueles que estão no topo da hierarquia, e os que se encontram sob o seu jugo.

O facto de este texto ter no plural a palavra obscurantismo, advém justamente de, na actualidade, e por certo em quase todas as épocas, ele se manifestar em diversas dimensões da sociedade, do conhecimento e da acção, pelo que não se pode falar de um único tipo de obscurantismo quer no diz respeito às áreas onde se verifica quer no que diz respeito aos métodos e processos utilizados.

Claro que quando se fala de obscurantismo, e por uma linhagem histórica inegável, a maioria das pessoas pensa logo no obscurantismo religioso, obscurantismo esse que teorias bem diferentes, o positivismo, pelo

conhecimento científico, e o marxismo, pela prática política, se propuseram e pensaram erradicar, embora, e num erro teórico e político assinalável, menosprezando de certo modo o adversário, acabaram por fracassar e sofrer as consequências desse fracasso.

Como seria ciclópico tratar de todos os tipos de obscurantismos actuais, este texto vai centrar-se única e exclusivamente em três deles, (muitos mais poderiam ser acrescentados), considerando-os como ameaças fundamentais à liberdade das sociedades e do ser humano, utilizados por um poder político e económico que, **sob o disfarce de uma nuvem de Juno democrática, fomenta cada vez mais uma clivagem, um fosso de desigualdades, propícias à emergência de um discurso e prática com nítidas ambições totalitárias.**

Assim são eles: **os obscurantismos religiosos; os obscurantismos científico/tecnológico; e, como se costuma dizer, the last but not the least, os obscurantismos políticos, sempre às cavalitas dos anteriores.** Para cada um deles far-se-á o levantamento não exaustivo de alguns dos aspectos fundamentais, procurando divisar neles os sintomas cada vez mais às claras e cada vez menos ocultos e obscuros de um poder, disfarçado de democrático, que os usa a seu bom proveito, no sentido de uma abertura dos portões a perspectivas e sistemas políticos que sempre viveram e se alimentaram do obscurantismo.

## **OBSCURANTISMOS RELIGIOSOS**

**É conhecida a frase que uma religião é uma seita com sucesso e uma seita uma religião fracassada.** Esta distinção, se nos mostra por um lado uma distinção de estatuto histórico, ainda assim de fundamentação problemática, evidencia, isso sim, uma mesma fonte que tem a ver com o sectarismo.

A palavra seita, embora não pareça, tem a mesma raiz latina que as palavras sexo e secante, tendo a ver com um verbo que significa dividir, cortar, na verdade, o pano de fundo, de todo o sectarismo. Entre fundamentalismos, fanatismos, intolerâncias, as religiões desenvolveram-se a maioria das vezes na sua história, nas águas turvas da exaltação de dogmas, facilmente utilizados como armas de exclusão e de organização de identidades, criando por isso uma postura bélica e de controle, que é o apanágio de todo o poder que recusa o mais elementar direito à diferença e, fundamentalmente, à máxima diferença protagonizada por uma postura de ateísmo. A separação legal entre estado, leis civis e igrejas e leis religiosas foi e é um processo difícil e doloroso, marcado por um exército de vítimas, que nos mortos em nome das religiões são canonizados como mártires e santos, e nos que por elas foram mortos e dizimados, são a maioria das vezes seres demoníacos ou criminosos, muitas vezes perdidos na vala comum da história.

A verdade é que quando se pensaria estar construída uma cultura de tolerância, a nossa época assiste desarmada a uma emergência de atitudes dos mais diversos quadrantes religiosos de fundamentalismos e fanatismos, hoje apoiados e invocando um direito consagrado não só pelo direito sagrado mas pelo direito democrático. Claro que quando se faz o retrato-robô destas atitudes fanáticas, e num discurso que tem muito de unilateral e serve interesses obscuros, o que imediatamente salta para a ribalta é o fundamentalismo islâmico, com todo o seu cortejo de intolerâncias violentas, que vão desde o estatuto das mulheres até a comportamentos sexuais e apoiados por legislações de Estados que, em nome de valores religiosos, violam grosseira e criminosamente direitos humanos, sem que haja, bem pelo contrário, reacções tão poderosas e de críticas, como se verificam e verificaram em relação a Estados e sociedades que de algum modo põem ou puseram em causa as religiões e o seu papel. Um olhar, mesmo o mais simples, cedo nos revela e mostra que as religiões são formas de poder e domínio e que à sua volta criam côrtes, cortejos e exércitos de controle tão eficientes como os mais poderosos exércitos do mundo. Apontar todos os problemas religiosos somente para o fundamentalismo islâmico é tapar o sol

com uma peneira e encobrir os fundamentalismos passados e actuais das religiões, entre elas do cristianismo. Na verdade, o fundamentalismo islâmico ultrapassa o problema religioso e tem também a ver com dimensões políticas e de guerras, onde a religião serve e serviu de camuflado para outros objectivos, designadamente, interesses de petróleo e supremacias regionais e mundiais do poder político.

Monopolizar os problemas fundamentalistas e obscurantistas das religiões numa só delas, é esquecer as múltiplas seitas e religiões cristãs que hoje proliferam e disseminam evangelicamente toda uma mentalidade pouco tolerante, promovendo teorias e práticas absolutamente inaceitáveis à luz do que deve ser a função social de um estado, e que vão desde a recusa de transfusões sanguíneas ou de vacinações, como na Holanda, ou o que foi a não aceitação do uso preservativo que transformou a África sub-sahariana, onde há influência católica, numa sociedade fértil à propagação da sida, com a sua factura humana de vítimas.

Se fizermos um elenco das práticas que, em nome das religiões, são barbaramente aplicadas e, contra todos os conhecimentos científicos e direitos humanos, proliferam no mundo, assistimos a um filme de terror, filme que desde os tempos mais recuados se tem vindo a desenrolar e que, no grau actual das civilizações, é manifestamente assustador. Se a esse filme, juntarmos as incontáveis guerras de origem religiosa, de religiões que invocam a paz como seu credo, então temos não só vários filmes de terror como vários filmes de guerra, com a única diferença de que se baseiam efectivamente em casos reais.

Toda esta realidade exige cada vez mais uma reflexão profunda, livre e corajosa sobre o papel das religiões no mundo actual, não se vislumbrando neste momento movimentos signaficativos que o façam, sobre essa fronteira de separação entre o mundo civil e o mundo religioso que tantos sacrifícios custou a estabelecer e que, como se vê em sociedades que querem manter essa separação, cada vez mais é criticada, ameaçada e destruída.

Invoca-se muitas vezes que há que distinguir entre os extremismos religiosos

e a religião em geral. Sem pôr em causa tal visão nem invocar qualquer cruzada violenta ou uma guerra profana contra as religiões, a verdade é que nos últimos tempos se têm disseminado movimentos religiosos que apregoam justamente um discurso de intolerância e que apoiam directa ou indirectamente partidos e políticos, (algumas eleições recentes são exemplo rematado disso), misturando política e religião, num cocktail altamente incendiário, sobretudo apadrinhando e fomentando movimentos de direita com tentações extremistas, ***já que foi e é quase sempre no espectro político da direita e da extrema-direita, que encontramos esse conúbio entre religião/igrejas e política,*** e que em nome das suas identidades religiosas pretendem sobrepôr-se a uma visão profana e livre que deve ser o fundamento filosófico e jurídico de todas as constituições dos estados, sob pena de estes se tornarem ainda mais instrumentos de um poder que perigosamente resvala para o totalitarismo.

Os estados dependentes de uma concepção religiosa ou imersos em projectos messiânicos, mesmo quando têm as ditas estruturas democráticas de eleições, são manifestamente ensaios de uma visão que tem crescido a coberto e a soldo de uma comunhão de interesses políticos, económicos que põem cada vez mais em risco um ideal e uma realidade de pensamento e acção livres e de respeito humano. Os poderes económicos, sociais e políticos que as igrejas têm atingido, ***aproveitando as novas tecnologias que vão desde o uso da televisão até à internet, permitem uma propaganda cada vez mais acutilante e alienante, capaz de criar estados de espírito gerais que servem de "genocídios" de ideias e roçam uma visão de apelo a cruzadas.*** Essa utilização da televisão, da internet e de outros meios, tem vindo a crescer, sendo transversais a quase todas as religiões, cristãs, islâmicas ou outras, embora com as diferenças próprias de cada movimento. No meio dessa enxurrada de proselitismo e prédica, assiste-se muitas das vezes a um cilindrar e trucidar de ideias, a começar logo pela da tolerância, e de ideias científicas e filosóficas, que mostram que a violência das palavras é uma fogueira de ódio que, haja as condições, imediatamente se transforma numa violência de perseguição e destruição.

Talvez possa parecer, a alguns, excessivo falar desta situação, mas a verdade é que a história das religiões nos ensina que a violência e as guerras religiosas, quer entre religiões, quer de cruzadas contra infiéis e contra filósofos, cientistas, artistas, etc foram um dos epicentros dos sismos destrutivos que elas provocaram, com litígios e feridas difíceis de resolver, como, só para citar um caso emblemático, ainda é o caso da Irlanda do Norte.

A defesa de um estado secular e independente desses poderes, tornou-se outra vez, em algumas sociedades, uma prioridade urgente, embora se perceba que vivemos hoje rodeados de movimentos políticos aos quais não interessa de todo esse tipo de estado. Cabe a todos nós, os que defendemos esse tipo de estado, voltar a pôr a questão na primeira linha, lutar por ela e promover mecanismos legais e educacionais, capazes de sustentar e dar às pessoas uma capacidade crítica de olhar para as religiões de uma forma exigente, construindo uma efectiva mentalidade livre, de tolerância mas que não aceite que, em nome dessa mesma tolerância, prolifere a intolerância, embora os tempos recentes e correntes, mostrem um crescendo alarmante do contrário.

Ao pactuarmos com situações em que se admite que igrejas interditem o exercício de funções eclesiásticas, que hoje são tributadas, na sua hierarquia, a mulheres, o que viola o princípio consagrado de igualdade no trabalho, ou impeçam a entrada a mulheres em territórios que fazem parte integrante da União Europeia, por motivos religiosos, o que viola princípios fundamentais das leis europeias, ou que práticas como a ablação do clitóris se verifiquem, estamos claramente a afastarmo-nos rapidamente de uma liberdade e dignidade que pretendemos consagrada na sociedade em que vivemos e que exige medidas firmes, coesas e urgentes. O muito invocado respeito pelas religiões não pode encobrir e impedir uma reflexão crítica e livre sobre elas, hoje e em muitos sítios, impedida, perseguida, ameaçada e condicionada, **numa atitude que torna as religiões em redutos e estufas de fanatismos inaceitáveis e claramente perigosos e destruidores e instrumentos perigosos para projectos políticos que à boleia do fanatismo**



religioso promovem uma coerção das liberdades e dos direitos fundamentais humanos.

## OBSCURANTISMOS CIENTÍFICOS

Talvez ainda não haja uma consciência clara disto para algumas pessoas, mas hoje o mundo e, sobretudo o mundo da internet, entendida como a universidade actual substituta de todas as outras, ***está inundado por teorias anti-científicas, na dupla acepção da palavra: intencionalmente contra a ciência e que não têm nada e nenhum fundamento de científico, muitas vezes propagando verdades e conhecimentos perigosos, até para a saúde das pessoas.***

Ainda recentemente a BBC fez uma investigação dos movimentos anti-vacina, em particular no Brasil e Estados Unidos, e a verdade é que esses movimentos crescem a uma velocidade vertiginosa e estão a colidir à mesma velocidade vertiginosa com a ciência, com as universidades, com as escolas.

Invocando a minha experiência pessoal como professor do Ensino Nocturno, cada vez mais me deparo, e enfrento, com alunos que são discípulos e apóstolos dessas teorias, entre elas, por exemplo, de que a terra é plana e que o universo é geocêntrico, fazendo eco de um movimento que prospera na internet e que até envolve prémios de um rapper, no valor de 100.000 dólares, para quem apresentar provas para tal teoria, prémio esse que faz inveja a muitas das verbas com as quais os cientistas se deparam para fazerem investigação, sobretudo, em Portugal. Espero bem que a comunidade científica mantenha a lucidez e não enlouqueça e não vá a correr atrás do prémio e passem a dirigir todas as suas investigações para esse objectivo, provocando por certo o delírio dos que defendem a planitude e platitude deste pequeno apartamento T0, que é a terra. Embora apeteça rir, a verdade é que estas teorias são acompanhadas por um militantismo bruto contra a ciência, falando mesmo de complots de cientistas que nos

andam a enganar concertadamente há séculos, em nome de um saber que, justamente, propiciou o aparecimento da internet que permite a propagação de atoardas semelhantes.

Nos diálogos, por vezes duros com esses alunos, pelo seu dogmatismo e primarismo que os torna surdos a qualquer outra perspectiva, tento fazer-lhes compreender que justamente a ciência, embora possa sofrer de muitos defeitos e erros, vive sobretudo de um espírito crítico e que seria e será a primeira a colocar em causa as teorias científicas actuais, e no caso remoto de uma nova concepção geocêntrica, a fundamentar tal teoria. Por vezes, ainda caio na ingenuidade de explicar que a relatividade de Einstein, de certo modo, reabilitou o geocentrismo, mas não é desse geocentrismo que eles querem ouvir falar e todas as minhas palavras esbarram contra uma parede de betão, armado do dogmatismo mais assustador que se pode imaginar.

Toda esta proliferação de teorias pseudo-científicas ou anti-científicas, muitas vezes encobertas por palavras e nomes que invocam a palavra ciência, são hoje um fenómeno que constitui uma doença grave para um pensamento crítico e livre, que constitui o solo fértil do conhecimento como evolução e libertação do ser humano, **embora não na visão demasiado simplista apregoada por Comte no célebre catecismo positivista** e aparecem disseminadas numa cultura que mistura e é uma mistela de ignorância cultural, política e científica, mas que se reveste de um discurso e de um vocabulário que lembram o dos médicos em que Molière tanto zurziu.

No entanto, o que é inegável é que todos estes movimentos têm um suporte financeiro elevado e recebem cada vez mais um acolhimento acrítico e são, basicamente, instrumentos da promoção de um obscurantismo que serve interesses de vária natureza, desde religiosa a política, e exploram de modo sofisticado as tecnologias existentes, usando toda uma mise-en-scène primorosa, extraída da própria ciência e da tecnologia. Também é certo que muitos órgãos de comunicação, mesmo televisões públicas (recordo que ainda não há muito tempo havia na RTP a presença diária de uma astróloga e

nenhum programa sobre astronomia),acedem mais facilmente a criar rubricas e programas de divulgação destas pseudo-ciências do que programas de divulgação científica.

Na verdade, a comunidade científica vive hoje um pouco enclausurada nos seus institutos e tem descurado uma das missões nobres que a ciência sempre teve, com grandes figuras capazes de incentivar um espírito científico, a saber, a divulgação científica. No entanto,cabe aos sistemas de ensino, hoje eles próprios muito vocacionados e dependentes de um outro tipo de obscurantismo, o pedagógico, onde programas e escolas são meramente instrumentos de um êxito medido por exames que pouco fomentam atitudes e pensamentos críticos e que servem interesses políticos e económicos, trabalharemos cada vez mais uma atitude crítica e de reflexão profunda sobre os diversos saberes e, ao mesmo tempo, preparar uma visão segura capaz de fazer frente a este assalto à ciência. **Os bastidores deste assalto têm contornos um pouco indefinidos, até porque exploram uma certa ideia sedutora de secretismo e iniciação, mas que servem também para encobrir quem está na origem dos mesmos e quais as verbas que movimentam.**

Os sistemas educativos, os órgãos de comunicação e os poderes nas suas políticas educativas e culturais têm hoje obrigações acrescidas em contrariar estes movimentos, mas é verdade que nos códigos de conduta das redes sociais é mais punível e perigoso a exibição de um mamilo feminino- não o masculino!- que a propagação de ideias e pseudo-teorias que, pelas suas consequências, pela dificuldade da sua reeducação, são bem mais lesivas e perigosas que todos os mamilos juntos do mundo. ***Na história dos controles que todos os poderes exercem, é sempre mais perigoso um corpo nu que uma teoria pseudo-científica que põe em causa esse corpo. Questões de tipos de nudez...***

## OBSCURANTISMOS POLÍTICOS

Vivemos hoje o ressurgimento de movimentos políticos que nos aproximam perigosamente de novas épocas de barbaridades e obscurantismos. **Os poderes políticos actuais, conscientes dos limites críticos do sistema que defendem, o capitalismo, advogam e promovem uma fuga a toda a velocidade em frente, consumo e mais consumo, logo seguida de uma curva apertada à direita e uma derrapagem controlada por diversos modos de travagem, com sustos e crises à mistura, mas sobretudo de travões a fundo em relação a liberdades e direitos que são tão fundamentais que até estão consignados em declarações universais e em declarações constitucionais.**

Há muito que o sistema capitalista, tal como ele está desenhado obscuramente nas sociedades e na mentalidade das pessoas, compreendeu que a promessa de um crescimento constante, permanente e universal é um logro, e que a riqueza, no el dorado que apregoa, será sempre só para alguns, aqueles que justamente invocam uma espécie de quase de direito divino dado pelo dinheiro. E o grande calcanhar de Aquiles dessa promessa, também já foi compreendido pelo poder político e económico há muito tempo: que não há recursos naturais ilimitados para esse modelo **e que as consequências destruidoras desse modelo, ameaçam não só o quintal de cada um mas, do pouco que ainda não foi destruído, o quintal de todos.** É por isso que as lutas ecológicas e os alertas das alterações climáticas são, mais do que as ideologias políticas antagónicas, hoje uma das ameaças mais perigosas, **no ponto de vista de quem vê o mundo da sua poltrona de poder,** ao beatífico discurso sobre que vivemos no melhor dos mundos possíveis.

Não é portanto de admirar que um dos obscurantismos políticos mais flagrantes da actualidade, seja justamente o de controlar e manipular toda a informação sobre as alterações climáticas, utilizando estratégias que vão do descrédito das pessoas e dos cientistas que delas falam e alertam para as

suas consequências, até à divulgação e fomento de estudos que contradigam essa hipótese, muitas vezes estudos de idoneidade científica duvidosa, passando por um certo faz-de-conta de cimeiras do ambiente, onde, a maioria das vezes, se dá um passo em frente para, logo a seguir, dar meio passo atrás e ir extraindo alguns dividendos políticos e eleitorais, que o discurso ecologista sempre rende.

A importância dada, a sério, à ecologia e às alterações climáticas é hoje uma das clivagens fundamentais da direita, que vende o capitalismo como um produto inesgotável, e a esquerda, que percebe que as relações de produção, económicas e humanas desse sistema devem obedecer a outros parâmetros, nomeadamente, no que se refere às consequências desastrosas para a natureza e dos limites subjacentes aos seus recursos.

Nesta visão, não admira que surjam cada vez mais atitudes extremistas, raciais e de exclusão, que não fazem mais do que reflectir a má-fé que habita a consciência desses políticos e dos seus apaniguados, criando uma lógica de exploração, em que alguns, os guardiães de um mundo de primeira, rico e com direitos próprios, devem fechar-se no seu condomínio fechado, guardado por exércitos e polícias, cuja única função, para além do imenso lixo de material de guerra que produzem, dificilmente reciclável, é defender, se necessário com guerra, quem por qualquer razão queira mudar ou entrar nesse condomínio.

A política hoje seguida em relação a refugiados, migrantes é um exemplo deste discurso que pretende a partir das crises, **geradas por guerras que não são mais do que formas de lucro**, criar uma espécie de nuvem de poeira obscura, desenterrando o machado da segurança, do medo, da crise, todo um guião para justificar cada vez mais uma mudança de política que tem vindo a acolher, fomentando-os, racismos, xenofobias e outros avatares de uma política extremista, que há muito aguarda ansiosamente o seu lugar ao sol.

***Em todo este processo, a ideologia capitalista consumista vende viagens futuras de turismo para paraísos há muito ou até lá destruídos.*** E nesse

negócio, vai acenando com folhetos publicitários, que tanto vão da ideia miraculosa de que a tecnologia encontrará soluções para os problemas actualmente gerados ou, em última instância, nos porá num foguetão interplanetário e a viver num outro planeta onde teremos direito, mais uma vez, à sua destruição, enquanto este aqui será reparado por especialistas-mágicos capazes de os maiores truques de prestidigitação, quiçá, fazer desaparecer o mundo numa cartola e logo a seguir fazer aparecer um coelho, um pouco estranho é certo, pois acabou de sair de uma central nuclear.

É por todas estas razões, e muitas outras poderiam ser apontadas nos jogos obscurantistas que os poderes políticos, e os seus irmãos-gémeos, os poderes económicos, lutam numa guerra que hoje é feita num outro cenário de guerra, os nossos computadores, como diz o poema em epígrafe, e que vai tendo as suas vítimas, como é o caso de Assange, de quem já quase ninguém fala ou defende. Somos e fomos sempre muito bons a criar e a consumir heróis, como o sistema político sabe muito bem, e a quem acaba sempre por aplicar a sentença final.

Vivemos hoje uma luta sem quartel pelo domínio da informação, onde a internet e as redes sociais são decisivas **nesta política do byte e do soundbyte**. Não admira, portanto, que as redes sociais se tenham tornado instrumentos de um obscurantismo radical, aquele que visa a condição de um pensamento livre e crítico. A verdade, como já foi estudado, é que a google e o facebook, a internet em geral, estão a mudar o pensamento humano e até a plasticidade neurológica do cérebro humano. Essa mudança, parece também ter arrastado as relações sociais e políticas, criando uma sociedade que se aproxima rapidamente para um domínio de uma inteligência, a famosa IA, que no seu obscuro e obscurantista programa, nos pode colocar a todos nós numa posição de inferioridade, facilmente manipulável. Como o fosso tecnológico entre ricos e pobres aumenta exponencialmente ao ritmo do fosso económico, facilmente é de prever quem vai perder esta guerra e como ela servirá os interesses bem claros, mas obscuramente apresentados e manipulados, de quem tem em seu poder

essas tecnologias.

Apesar deste evidente cataclismo, ou em consequência dele, é cada vez mais urgente um sistema de educação que fomente um pensamento crítico e livre, capaz de resistir e não ceder. Infelizmente, em Portugal, há muito que o sistema de ensino é pensado ao contrário disso, tendo, por exemplo, a ausência de uma disciplina de Política, obrigatória para todos os alunos, com programas onde se discutissem sistemas políticos, processos políticos e, não há que ter receio de o dizer, ideologias políticas. Ao invés, prefere-se promover uma espécie de saber acéfalo, subordinado e domesticado por exames que são o santo e a senha da formação dos futuros cidadãos, excelentes especialistas na sua área, mas analfabetos em tudo o resto. É evidente que entre agentes especialistas do poder e críticos do poder, a opção está há muito obscuramente tomada. No entanto, torna-se urgente e decisivo que não abduquemos de todas as formas de luta e resistência, usando os mecanismos poderosos que temos ao nosso alcance, como as tecnologias de comunicação, e que poderão servir para que, ainda assim, e apesar de tudo e todos, uma consciência livre possa emergir, mesmo das circunstâncias mais improváveis e **aquilo que é o feitiço com que nos pretendem enfeitiçar, as novas tecnologias, se possam virar contra o feiticeiro**, e servirem de meio e de instrumento de revoltas e contestações, sabendo que combater todas as formas de obscurantismo é um imperativo fundamental de um pensamento crítico e da liberdade.

Para isso, a defesa de uma escola que ensine a pensar, uma escola activa, crítica e criativa, uma escola democrática e integradora, que não exclua nem segregue, é uma das condições fundamentais para garantir uma sociedade livre e equitativa, uma sociedade imune a projectos políticos totalitários e aos seus fantasmas obscurantistas. **Defender esse tipo de escola é, decisivamente, defender o futuro!**

**José Esteves**